



Universidades Lusíada

Silva, José Mattos e
Silva, António de Mattos e

Sás e Colonnas : tiveram relações familiares?

<http://hdl.handle.net/11067/1116>

Metadata

Issue Date	2014-09-15
Abstract	Ao longo dos séculos várias têm sido as tentativas para confirmar se houve ou não uma relação familiar entre a família portuguesa dos “Sás” e a família italiana dos “Colonnas”. Na presente investigação procurou-se analisar a informação documental disponível e, com base nesta, sugerir uma teoria sobre essa possível relação familiar....
Keywords	Família Sá - Genealogia, Família Colonna - Genealogia
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 09-10 (2013)

This page was automatically generated in 2024-12-05T22:25:14Z with information provided by the Repository



SÁS E COLONNAS: TIVERAM RELAÇÕES FAMILIARES?

José Mattos e Silva

Associação da Nobreza Histórica de Portugal
jmatosilva@gmail.com

e

António Mattos e Silva

Instituto da Nobreza Portuguesa/Associação da Nobreza Histórica de
Portugal
antoniomatosilva@hotmail.com





RESUMO

Ao longo dos séculos várias têm sido as tentativas para confirmar se houve ou não uma relação familiar entre a família portuguesa dos “Sás” e a família italiana dos “Colonnas”. Na presente investigação procurou-se analisar a informação documental disponível e, com base nesta, sugerir uma teoria sobre essa possível relação familiar.

Palavras chave: filiação, naturalidade, papas.

ABSTRACT

Throughout the centuries there were many hypothesis trying to explain the possible relationship between the “Sás”, a Portuguese family, and the “Colonnas”, an Italian family. In the present investigation, based on the available documents, we try to suggest a theory about that possible relationship.

Keywords: navigator, affiliation, birthplace, popes.





No texto sobre Cristóvão Colon que publicámos na revista *Lusíada. História*, n.º 8 (2011), falámos sobre o facto de pensarmos que o apelido que ele usou derivaria do da família italiana Colonna, com a qual ele se terá relacionado na sua infância.

Os signatários que, de acordo com (Mattos e Silva 2010, [1]), são descendentes de Rui Cotrim, são também descendentes da suposta mãe daquele, Maria Álvares de Sá e, por esta, de João Rodrigues de Sá, o das Galés, de quem serão 17.º netos. Conforme então foi referido, pensamos que Maria Álvares de Sá seria filha de Fernão Álvares da Maia, 3.º Senhor da Trofa e, também, Senhor de Aguiar (em sucessão de seu sogro), e de sua mulher Guiomar de Sá (nascida cerca de 1410), a qual seria filha de Isabel Gil de Magalhães e de Gonçalo de Sá, Senhor de Aguiar (nascido cerca de 1385), o qual seria filho de João Rodrigues de Sá, o das Galés, e de sua mulher D. Isabel Lopes Pacheco.

Assim sendo, a referida Maria Álvares de Sá poderia ter nascido cerca de 1430, o que lhe permitiria ser mãe dos filhos de João Martins Canas Cotrim, o atrás citado Rui e o irmão deste, de nome próprio Lopo.

Nesta hipótese teria justificação o apelido “Álvares”, da referida Maria, o qual lhe viria de seu pai. É ainda de referir que nos nobiliários, nomeadamente nos de Felgueiras Gayo e de Alão de Morais, não aparece nenhuma filha de Fernão Álvares da Maia com o nome de Maria Álvares de Sá, mas aparece uma Isabel de Sá, o que demonstra que há filhos daquele que utilizavam o apelido Sá.

Sabe-se que João Rodrigues de Sá, o das Galés, ganhou esta alcunha por ter vindo de Gaia, com uma frota de galés, quando do cerco a Lisboa, em 1384, imposto por Juan I de Castela. O combate que o referido João terá dado às galés castelhanas contribuiu fortemente para que o cerco viesse a ser levantado. Assim e assumindo, como atrás dissémos, que o referido João terá nascido cerca de 1359, ele teria perto de 25 anos quando ocorreu o referido cerco de Lisboa, o que é uma idade perfeitamente compatível.

Em (Gomes Martins s.d.: 83, [2]) diz-se o seguinte: “Simultaneamente, João Rodrigues de Sá, acompanhado apenas por um peão, entra na galé em perigo trepando pelos remos e, auxiliado pelos homens que ainda a defendiam, obriga o inimigo a recuar. Apesar de ferido, João Rodrigues quis levar a façanha ainda mais longe e, com esses mesmos combatentes, contra-ataca com sucesso a galé de Vasco Perez de Meira”. E, na mesma página e mais adiante: “Não podendo contrariar esta acção e pressionados pelo ataque liderado por João Rodrigues de Sá, muitos dos homens de Vasco Perez, entre os quais o próprio comandante, sem qualquer outra saída, lançam-se ao rio para escapar à captura, acabando, no entanto, por morrer afogados, puxados para o fundo do rio pelo peso do armamento defensivo que envergavam”.

Ainda em (Gomes Martins s.d.: 92, [2]), na nota 194, diz-se que “no final

dos combates, apresentava 15 ferimentos, dois deles no rosto. As ações de João Rodrigues de Sá e de Afonso Gutierrez de Padilla levaram a que Fernão Lopes os comparasse a *bravos touros metidos em corro, em companhia de mansso gaado*". Também em (Gomes Martins s.d.: 92, [2]), na nota 193, é dito que João Rodrigues de Sá "foi pessoa da maior confiança de D. João I, junto de quem desempenhava as funções de camareiro-mor, tendo estado presente nos maiores acontecimentos verificados neste reinado: o cerco de Lisboa de 1384, a batalha de Aljubarrota e a tomada de Ceuta em 1415".

O citado João Rodrigues de Sá, o das Galés, era filho de Rodrigo Anes de Sá, Alcaide-Mor de Gaia e Embaixador de Portugal em Roma. Segundo a publicação de (Lancastre e Távora s.d., [3]), o citado Rodrigo teria tido duas missões diplomáticas a Roma. A primeira terá sido para tratar da dispensa papal que o Rei D. Pedro I pretendia para poder casar, a título póstumo, com D. Inês de Castro (da qual era primo em segundo grau, por ambos descenderem do Rei Sancho IV de Castela), que tinha sido a mãe dos seus quatro filhos bastardos. Acontece que a referida Inês foi morta, em Janeiro de 1355, a mando de D. Afonso IV cujo reinado só terminou quando este monarca morreu em 28/05/1357. Portanto, só depois desta data é que se iniciou o reinado de D. Pedro I e que a primeira missão de Rodrigo Anes de Sá em Roma se terá processado.

Seria durante essa sua primeira missão que terá conhecido, em Roma, Cecília Colonna, com quem viria a casar-se e que seria a sua segunda mulher e a mãe do primeiro filho de ambos, João Rodrigues de Sá, o das Galés. O casamento entre Rodrigo Anes de Sá e Cecília Colonna ter-se-à processado, em Roma, no início de 1358, pelo que o referido João deverá ter nascido cerca de 1359, em Portugal.

Vejamos o que se diz, sobre Rodrigo Anes de Sá, em (Felgueiras Gayo 1989, [4]): "RODRIGO ANNES DE SÁ f^o de João Aff^o de Sá Foi Rico Homem, Alcaide Mor do Castello de Gaya junto a cid. do Porto q lhe deo o Rey D. Fernando, foi Embaixador ao Papa Gergorio undecimo, casou em Roma com Cecilia Colona f^a de Diogo Colona q foi duas vezes Senador em Roma e bisneta de Jacobo Colona comumte chamado Jacomo Sarra, e de outros Sarra Colona, Irmãa do grande Estevão Colona Senador em Roma Sr. da Palestina por cujos feitos mereceu o nome de Magno, e Pay da Patria, e ambos coroarão o Imparador Lodovico na Ig^a de S. Pedro e por isso puzerão hua Croa de ouro sobre a coluna de prata insigna da Casa de Colona desde Cayo Mario, terseira neta de João Colona Senador em Roma Sr. de Galicano, e de Colona tronco emediato das trez Cazas principaes desta família em Roma, e por abreviar foi Cecilia Colona vigessima 3^a neta do grande Cayo Mario esplendor da Melicia Romana sete vezes Consul em Roma a q.m o Senado concedeo cinco vezes Triunfo no Capitolio, outros fazem a da Cecilia Colona Juliana Colona e dizem ser f^a de Eduardo Colona..."

Adiante indicaremos aquela que, em nosso entender, será a ascendência de Cecília Colonna.

Cecília Colonna pertencia a uma importante família italiana, a dos Marqueses e Príncipes de Colonna, sendo bisneta de Giovanni Colonna, Marquês de

Ancona. Contudo, à época do casamento entre os citados Rodrigo e Cecília, a família Colonna estava a atravessar uma fase de ligeiro declínio.

Do site da Internet “Depokafé” obtem-se a seguinte informação: “Existem famílias que se destacam num determinado ramo e entram para a História por causa disso. Um exemplo que quase ninguém lembra é dos Curie: além de Marie Curie e seu esposo, a filha deles, Iréne Curie, também recebeu o Nobel de Química em 1935 e a sua irmã, Éve, escreveu a biografia da mãe famosa, que posteriormente se transformou em filme. Mas uma família italiana pode-se orgulhar de algo que dificilmente vai voltar a acontecer: a família Colonna teve a honra de ter oito Papas na família. A história começou com Sisto III, que foi Papa de 432 a 440. Ele lutou contra algumas heresias e reformou basílicas. Depois veio Adriano I, de 772 a 795. Ele foi grande amigo de Carlos Magno. O terceiro Colonna a ser eleito Papa foi Estevão IV (ou Estevão V, de acordo com algumas listas). Ele só ficou 7 meses no poder, entre 816 e 817. Logo em seguida, Sérgio II foi Papa de 844 a 847. Durante seu pontificado Roma foi saqueada pelos sarracenos. O século IX ainda veria um terceiro Papa vindo da família Colonna. Nicolau I foi Papa de 858 a 867. Arrumou briga com o rei de Bizâncio por causa da evangelização da Bulgária e foi excomungado por um Concílio convocado pelo imperador. Mas morreu antes de ser deposto. E, para suceder Nicolau I, foi eleito Adriano II, o quarto Papa da família Colonna no século IX. Não se sabe o seu grau de parentesco com o Papa anterior. Ele tentou reatar as relações com Bizâncio, estremecidas por seu antecessor. Também cuidou da evangelização dos eslavos, fortalecendo o trabalho de São Cirilo e São Metódio. Foi Papa de 867 a 872. E a família Colonna estava a fim mesmo de monopolizar o trono de Pedro no século IX. Adriano III se tornaria o quinto Papa da família nesse século. Ele só ficou um ano e quatro meses no poder, entre Maio de 884 e Setembro de 885. Morreu enquanto fazia uma viagem a França, na cidade de Modena. Alguns dizem que ele pode ter sido assassinado a mando de nobres italianos. Se o século IX foi o século dos Colonna, no século XIII eles arrumaram confusão da grossa. Em 1297 os irmãos Pedro e Jacó Colonna eram cardeais e resolveram fazer uma oposição ferrenha ao Papa da vez, Bonifácio VIII. O Papa não tolerou a petulância dos irmãos e os expulsou da Igreja, além de tomar as suas propriedades. Os dois fugiram para França. Em represália, em 7 de Setembro de 1303 Sciarra Colonna, irmão dos dois, atacou o palácio papal em Anagni e fez o Papa refém por 3 dias. Bonifácio VIII acabaria morrendo um mês depois do incidente. Seu sucessor, Clemente V, não querendo arrumar confusão com o rei de França - ele mudou a sede do papado para Avignon, na França, o que daria

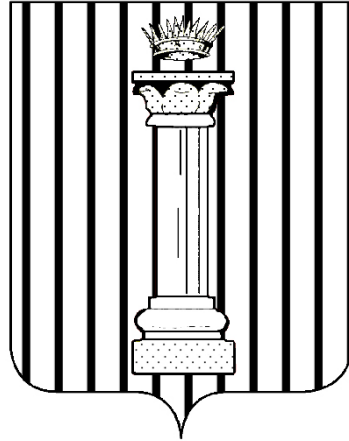


Fig. 1
Brasão da Família Colonna



origem ao Grande Cisma do Ocidente - restaurou as posses e os cargos dos dois irmãos Colonna. E quis a História que um Colonna desse fim ao Grande Cisma do Ocidente. Otto (ou Odo) de Colonna foi eleito como o Papa Martinho V em 1417, durante o Concílio de Constança, e acabou com uma longa série de Papas e antipapas disputando o controle da igreja. Foi Papa até 1431. Ele seria o último da sua família a subir ao “trono de Pedro”, mas sua família continuaria influente na Cúria Romana pelo menos até o século XVI. Hoje em dia a casa dos Colonna em Roma, o Palácio Colonna, é aberto para visita pública”.

É de salientar a frase final de que a “família continuaria influente na Cúria Romana pelo menos até o século XVI”. Há quem diga que a família Colonna descenderia do Imperador Júlio César, através do senador Gaius Marius.

É de notar que a conhecida atriz Brooke Shields, também pertence à família Colonna. De facto, ela é neta paterna de Marina Torlonia, a qual era neta de Teresa Chigi della Rovere, por sua vez filha de Leopoldina Dória Pamfília Landi, quarta neta de Giovanni Andrea Dória, 7.º Príncipe de Melfi, o qual era bisneto de Andrea III Dória, 3.º Príncipe de Melfi e de Giovanna Colonna, a qual era sobrinha-neta do Papa Martinus V e 10.ª neta do atrás citado Giovanni Colonna, Marquês de Ancona. Portanto Brooke Shields é 23.ª neta do referido Giovanni Colonna. Se considerarmos que entre ela (que nasceu em 1965) e Giovanni Colonna, existem 24 gerações, isso corresponde a cerca de $24 \times 30 = 720$ anos, pelo que o referido Giovanni teria nascido cerca de $1965 - 720 = 1245$. Admitindo, por sua vez, que os signatários seriam 21.º netos desse Giovanni Colonna, tal daria 22 gerações de diferença. Fazendo as contas a partir de 1945, ano de nascimento de José Mattos e Silva viria, para data de nascimento do citado Giovanni: $1945 - 22 \times 30 = 1285$, o que dá uma diferença de 40 anos entre as duas datas calculadas. Dado que Cecília Colonna era bisneta do referido Giovanni, haveria três gerações entre eles, pelo que a referida Cecília teria nascido entre $1245 + 3 \times 30 = 1335$ e $1285 + 3 \times 30 = 1375$, provavelmente cerca de 1343 pois, de acordo com (Távora s.d., [3]) ela teria 15 anos quando conheceu, possivelmente em 1358, Rodrigo Anes de Sá. Assim, ela poderia ter sido mãe de João Rodrigues de Sá, o das Galés, em 1360, com cerca de dezassete anos de idade.

À época em que se celebrou o tratado de Tordesilhas, o Papa era Alexandre VI, que era duma família de origem espanhola, os Bórgias. Contudo, é de notar que este Papa Alexandre VI teve um filho bastardo de Giulia Farnese a qual tinha uma irmã Barbara Farnese a qual era casada com Odoardo Colonna, Duca di Marsi, sendo ambas filhas de Pier Luigi Farnese e de Giovanna Gaetani, a qual era filha de Onorato Gaetani, Duca di Sermoneta e de Caterina Orsini. Um filho de outro casamento do citado Odoardo Colonna, Duca di Marsi, de nome Marcello Colonna, foi casado com Orsina Orsini, pelo que as famílias Bórgia, Colonna, Gaetani e Orsini estavam interligadas pelo casamento.

Portanto, Alexandre VI teve um cunhado Colonna. O referido Odoardo Colonna era neto paterno de Catarina Conti e de Agapito Colonna, pais do Papa Martinho V. Este era quarto neto de Giovanni Colonna, Marchese di Ancona, o



qual também era bisavô da Cecília Colonna que foi casada com Rodrigo Anes de Sá e mãe do João Rodrigues de Sá, o das Galés.

Portanto os Colonnas estavam muito próximo do Papa Alexandre VI que participou na preparação do Tratado de Tordesilhas.

Um dos Colonnas que também ficou para a História foi Giacomo “Sciarra” Colonna (cujo nome original era apenas Giacomo Colonna, mas que adquiriu a alcunha “Sciarra”, que significa “duro”), o qual era um militar que deu uma celebre estalada ao Papa Bonifácio VIII, em Anagni. Sciarra Colonna terá nascido cerca de 1270 e morrido cerca de 1329. Era irmão de Stefano Colonna, o Velho, o qual, segundo o site da Internet “Genea Portugal”, era o avô paterno da Cecília Colonna casada com Rodrigo Anes de Sá, pois um filho do dito Stefano, de nome Giacomo Colonna (que era um prelado católico), terá sido o pai da dita Cecília. Na Wikipédia, a propósito do referido Giacomo, diz-se: “Giacomo Colonna (Avignone ?, 1300 o 1301 – Lombez ?, 1341) è stato un vescovo cattolico italiano della Chiesa cattolica, sesto figlio di Stefano Colonna il Vecchio, nonché nipote di Sciarra Colonna. A expressão “nonché nipote” significa que Giacomo Colonna (suposto pai da Cecília Colonna casada com Rodrigo Anes de Sá) era sobrinho de Sciarra Colonna o que, numa primeira aproximação, pode parecer correcto pois este Sciarra era irmão do Stefano que era o pai do Giacomo este, por sua vez, o suposto pai de Cecília Colonna. Acontece contudo que, no site “Genea Portugal”, aquele Sciarra também tem uma filha Cecília que se diz ter casado com Alfonso de Sá, cuja ascendência o “Genea Portugal” não indica. Será que a Cecília casada com o Rodrigo Anes de Sá seria filha do Sciarra? Como o João Rodrigues de Sá, o das Galés, nasceu cerca de 1360, a sua mãe não poderá ter nascido antes de 1330. Ora o Sciarra morreu em 1329 pelo que, não sendo impossível, não será provável que a mãe do João Rodrigues de Sá seja a filha do Sciarra, devendo ser a sobrinha-neta deste pois o Giacomo já teria 30 anos quando terá sido o pai da Cecília.

Portanto, a Cecília Colonna que terá casado com Rodrigo Anes de Sá seria sobrinha-neta de Sciarra Colonna. Um neto deste, Agapito Colonna, foi bispo de Lisboa. Assim Cecília Colonna era prima segunda do referido Agapito Colonna, o qual era filho de Pietro “Sciarretta” Colonna, que foi um senador de Roma. Esta informação sobre a família Colonna é confirmada pelo site da Internet *Indice delle Famigli Nobili del Mediterraneo* ([5]).

É de referir que o nome próprio João, dado por Cecília Colonna ao seu filho, poderia ser uma homenagem ao seu bisavô, Giovanni Colonna, Marquês de Ancona, que foi um elemento marcante desta família. Contudo, João também é o nome próprio do pai de Rodrigo Anes de Sá pelo que, assim, se poderiam homenagear, em simultâneo, elementos importantes das famílias Sá e Colonna.

É ainda de salientar que o escritor Francisco Sá de Miranda, que era filho de Inês de Melo e do Cónego da Sé de Coimbra Gonçalo Mendes de Sá, o qual, por sua vez, era filho de João Gonçalves de Miranda Sotomaior e de Filipa de Sá, a qual era neta de João Rodrigues de Sá, o das Galés, é referenciado na Wikipédia

como tendo ido para Itália, em 1521, onde privou com a sua parente Vitória Colonna, Marquesa de Pescara, o que lhe permitiu ter contactos com figuras italianas eminentes da época.

É de referir que a Vitória Colonna (com quem se relacionou Sá de Miranda) era filha de Fabrizio Colonna, Conde de Tagliacozzo e de Agnese de Montefeltro, filha de Frederico de Montefeltro, Duque de Urbino e de Batista Sforza, a qual era filha de Alessandro Sforza, Conde de Pesaro, o qual era irmão de Francesco I Sforza, Duque de Milão, casado com Bianca Maria Visconti, a grande apoiante do Beato Amadeu, conforme indicado em (Mattos e Silva 2011, [6]). Por sua vez Vitória Colonna era irmã de Ascanio Colonna, Conde de Tagliacozzo, casado com Giovanna de Aragão (bisneta paterna de Afonso V, Rei de Aragão o qual era irmão da rainha D. Leonor de Portugal, mulher do Rei D. Duarte).

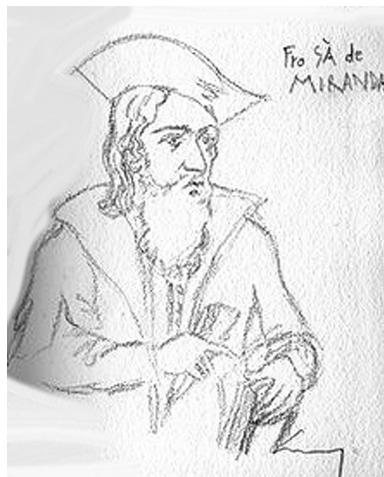


Fig. 2
Retrato de Francisco Sá de
Miranda

D. Pedro I viria a ter outro problema com a Igreja Católica quando, em 1361, decidiu estabelecer o Beneplácito Régio mas, nessa altura, desconhece-se se houve alguma intervenção de Rodrigo Anes de Sá junto do papado. Quando D. Pedro I morreu, em 18/01/1367, deveria já estar preparada, por este rei, a nomeação do citado Rodrigo para o cargo de Alcaide-Mor de Gaia, cargo esse que viria a ser-lhe atribuído por D. Fernando I, em 23/05/1367, conforme consta do parágrafo 320 do livro de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]). É já ao serviço de D. Fernando I que se efectua a segunda missão de Rodrigo Anes de Sá a Roma, agora junto do Papa Gregório XI (cujo papado ocorreu entre 30/12/1370 e 1378).

O facto de Rodrigo Anes de Sá ter sido casado com Cecília Colonna poderá ter sido determinante para que D. Fernando I, Rei de Portugal, o nomeasse Embaixador em Roma para tratar da paz entre o nosso monarca e o Rei Henrique II de Castela, paz que acabou por ser decretada pelo Papa Gregório XI em 1371, conforme indicado no site *D. Fernando I - PRAIA DA CLARIDADE* ([8]). Em (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), no parágrafo 320, admite-se a possibilidade de D. Fernando I ter dado, em 03/06/1373, ao referido Rodrigo “todos os direitos e rendas da vila de Gaia” (em complemento da alcaidaria de Gaia), como prémio para a sua actuação em Roma.

Durante aquela negociação terá vindo a Portugal, como enviado do Papa, um primo de Cecília Colonna, o Bispo Agapito Colonna. Este começou por ser Bispo de Ascoli Piceno, depois de Brescia e, finalmente, de Lisboa (a partir de 1371 e, supostamente, como recompensa pelo seu bom desempenho na referida negociação). Mais tarde, em 1378, foi proclamado Cardeal pelo Papa Urbano VI.



É de notar que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([9]) refere que teria havido uma missão de Rodrigo Anes de Sá a Roma, em 1320, data que está obviamente errada pois o citado Rodrigo terá nascido por esse ano.

No parágrafo 320 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), refere-se que, em 20/12/1353, Rodrigo Anes de Sá e sua mulher Mécia Pires “tiveram de restituir ao Mosteiro de Grijó a quinta de Grandões e outras terras do termo de Macieira, no julgado da Feira”. Assim sendo, e através dessa data, se conclui que a primeira mulher do citado Rodrigo foi a referida Mécia Pires, da qual não terá tido filhos. A sua segunda mulher terá sido Cecília Colonna, a qual terá sido, como atrás referimos, a mãe de João Rodrigues de Sá, o das Galés.

Aliás muitos autores como, por exemplo (Felgueiras Gayo 1989, [4]), consideram João Rodrigues de Sá, o das Galés, como filho de Rodrigo Anes de Sá e de Cecília Colonna, pelo que manteremos essa informação como boa. Assim se justificará, também, o verso de Sá de Miranda que vem reproduzido no parágrafo 323 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]): “Dos nossos Sás Coloneses, Grã tronco, nobre columna...”. No parágrafo 320 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), refere-se que “sabemos que, em 1365, Rodrigo Anes de Sá já fora casado duas vezes” (e nós acrescentaremos, já teria sido casado três vezes e não apenas duas), pois num passo do “Livro das Companhias” do Mosteiro de Grijó, diz-se que, em 1365, Rodrigo Anes de Sá já teria duas filhas duma mesma mulher e um filho, João Rodrigues, de outra. Cecília Colonna poderá ter morrido pouco tempo depois do nascimento do seu filho João Rodrigues de Sá, o das Galés, talvez cerca de 1360 (ou até pode ter morrido de parto), o que possibilitou que Rodrigo Anes de Sá viesse a casar, pela terceira vez e que, em 1365, já tivesse mais duas filhas (as quais deviam ser de pouca idade dado o seu nome não ser referido no dito livro do Mosteiro de Grijó), o que possibilitaria a frase indicada no livro do Mosteiro de Grijó.

Segundo o indicado no parágrafo 323 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), Rodrigo Anes de Sá, para além de Mécia Pires e de Cecília Colonna, terá ainda casado com Catarina Anes (da qual também terá enviuvado) e, ainda, com Berenguela Anes, a qual lhe sobreviveu, conforme o atesta um documento posterior à morte do referido Rodrigo, que refere um pleito entre Berenguela e o seu enteado João Rodrigues, pleito esse que vem indicado no parágrafo 320 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]). Para o autor de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), a citada Catarina Anes seria a mãe do referido João Rodrigues e disso dá conta na “Árvore Genealógica V”, localizada na sua referida obra a seguir ao parágrafo 306. Ora nessa árvore refere-se que a citada Catarina tinha uma irmã de nome Aldonça Anes, pelo que o autor de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]) não percebeu que o nome desta é, precisamente, o mesmo do da Abadessa de Rio Tinto, filha de Rodrigo Anes de Sá. Assim sendo, é muito provável que a mulher do referido Rodrigo, que seria a mãe das suas duas filhas, nomeadamente da Aldonça que foi Abadessa de Rio Tinto, seja Catarina Anes pois deu a uma das suas filhas o mesmo nome da sua irmã. Assim, contrariamente ao que se diz em (Mello Vaz

de Sampaio s.d., [7]), a mãe de João Rodrigues de Sá, o das Galés, não pode ser Catarina Anes mas sim, Cecília Colonna.

É de salientar que, na Wikipédia, se diz que, João Rodrigues de Sá, o das Galés, foi também Embaixador em Roma, tendo sido nomeado por D. João I, para esse cargo. Diz-se, ainda, que a sua missão foi a de conseguir a autorização do Papa Bonifácio IX para que o Mestre de Avis pudesse casar com D. Filipa de Lencastre, dados os votos que D. João I havia realizado quando entrou para a Ordem de Avis. Estranhamos, contudo, o facto desse casamento ter ocorrido em 1387 e aquele Papa só ter iniciado o seu pontificado em 1389. Será confusão da Wikipédia e o Papa em questão ser Urbano VI, cujo pontificado decorreu entre 1378 e 1389?

Qualquer que tenha sido o Papa, essa missão só lhe poderia ter sido cometida pelo rei se o citado João Rodrigues de Sá tivesse já alguma maturidade. Ora se, como vimos atrás, ele terá nascido cerca de 1359, seria estranho que fosse embaixador com apenas 28 ou 30 anos de idade. Pensamos que o terá sido, apesar da sua relativa juventude, pelo facto de ser filho de Cecília Colonna e, consequentemente, ser um membro duma família que se relacionava muito bem com o papado (não esqueçamos que o seu primo Agapito Colonna fora elevado a Cardeal em 1378 pelo que, por essa altura, a família Colonna já tinha saído da sua anterior fase de ligeiro declínio). Assim, o argumento mais convincente de que seria, efectivamente, filho duma Colonna, decorre do facto de João Rodrigues de Sá, o das Galés, ter sido nomeado, por D. João I, como embaixador junto da Cúria Romana, para resolver um assunto tão importante para o rei, como era o da sua “libertação” dos votos que fizera, como Mestre da Ordem de Avis, para que se pudesse casar com D. Filipa de Lencastre. Alguém aparentado com os Colonna, família muito próxima do Papa, teria seguramente muito mais probabilidades de êxito nessa difícil missão. Se João Rodrigues de Sá, o das Galés, fosse apenas enteado de Cecília Colonna, os seus contactos com a família desta não seriam, obviamente, tão estreitos.

Na Wikipédia também se diz que o referido João “ascendeu ao cargo de alcaide-mor do Porto em 1406, quando o bispo D. Gil Alma, mediante a promessa de 3000 libras, desiste de toda a soberania exercida até à data sobre o burgo”. Ora se, como pensamos, o citado João tivesse nascido em 1359, teria 47 anos de idade quando recebeu a alcaidaria do Porto, idade perfeitamente compatível com esse cargo.

É de notar que em (Felgueiras Gayo 1989, [4]), no título de Sás, se apresentam dois filhos e duas filhas de Rodrigo Annes de Sá e de Cecília Colonna: João Rodrigues de Sá, o das Galés, Paio Rodrigues de Sá, Aldonça Rodrigues de Sá (que foi Abadessa de Rio Tinto e que teve filhos bastardos de Martim Afonso de Sousa) e Constança de Sá (que ele refere “que alguns dizem que foi mulher de João Gonçalves Zarco”, um dos descobridores do arquipélago da Madeira). Pensamos, conforme atrás exposto, que esta informação não está correcta e que o único filho de Rodrigo Anes de Sá e de Cecília Colonna foi João Rodrigues de



Sá, o das Galés.

Curiosamente, o representante de D. João II nas negociações com Castela relacionadas com o Tratado de Tordesilhas, foi um elemento que pertencia, simultaneamente, às famílias Sá e Sousa, por ser neto dos atrás citados Aldonça Rodrigues de Sá (que foi Abadessa de Rio Tinto) e de Martim Afonso de Sousa que foi o pai dos seus filhos bastardos. Da Wikipédia obtém-se: “Dom Rui de Sousa foi um Fidalgo do Conselho português, descendente por varonia ilegítima da Casa Real pelo rei D. Afonso III, que recebeu mercê do tratamento de dom para si e sua descendência, em recompensa dos seus serviços à Coroa Portuguesa. Foi *guarda-mor da Pessoa do Príncipe*, depois D. João II. Embaixador deste rei a Castela. Vedor da Casa da rainha D. Isabel de Aviz, sua mulher e prima. Almotacé-mór do rei D. João II. Alcaide-mor do Castelo de Pinhel. Criado primeiro senhor de Beringel (mercê de D. Afonso V), e primeiro senhor de Sagres.

Foi D. Rui de Sousa, acompanhado por seu filho D. João de Sousa, o embaixador de D. João II que chefou a missão portuguesa de especial confiança que negociou, e assinou, em 1494, o Tratado de Tordesilhas: «EM NOME DE DEUS TODO-PODEROSO, Padre, Filho e Espírito Santo, três pessoas realmente distintas e apartadas e uma só essência divina. Manifesto e notório seja a todos quantos este público instrumento virem, como na vila de Tordesilhas, a sete dias do mês de Junho, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de Mil Quatrocentos e noventa e quatro anos, em presença de nós os secretários, escrivães e notários públicos adiante escritos, estando presentes os honrados D. Anrique Anriquez, mordomo-mor dos mui altos e mui poderosos príncipes os senhores D. Fernando e D. Isabel, per graça de Deus rei e rainha de Castela, de Leão, de Aragão, de Sicília, de Granada, etc., e D. Goterre de Cardenas, contador-mor dos ditos senhores rei e rainha, e o doutor Rodrigo Maldonado, todos do conselho dos ditos senhores rei e rainha de Castela, de Leão, de Aragão, de Sicília, de Granada, etc., seus procuradores abastantes de uma parte. E os honrados D. Rui de Sousa, senhor de Sagres e de Beringel, e D. João de Sousa, seu filho, almotacé-mor do mui alto e mui excelente senhor o senhor D. João, pela graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém-mar em África e senhor de Guiné, e Aires de Almada corregedor dos feitos cíveis em sua corte e do seu desembargo, todos do Conselho do dito senhor rei de Portugal e seus embaixadores e procuradores abastantes, segundo ambas as ditas partes o mostraram polas cartas de poderes e procurações dos ditos senhores seus constituintes. Das quais seu teor de verbo a verbo é este que se segue. D. FERNANDO E D. ISABEL, pela graça de Deus rei e rainha de Castela, de Leão, de Aragão, de Sicília, de Granada, de Toledo, de Valência, de Galiza, de Mailhorca, de Sevilha, de Cerdenha, de Córdova, de Córsega, de Murcia, de Jahem, do Algarve, de Algezira, de Gibraltar, das ilhas de Canárea, conde e condessa de Barcelona e senhores de Biscaia e de Molina, duques de Atenas e de Neopátria, Condes de Roselhão e de Cerdónia, marqueses de Oristão e de Goçiano. Porquanto o sereníssimo rei de Portugal, nosso mui caro e mui amado irmão, enviou a nós por seus embaixadores e procuradores, D. Rui

de Sousa, cujas são as vilas de Sagres e Beringel, e D. João de Sousa seu almotacé-mor, e Aires de Almada seu corregedor dos feitos cíveis em sua corte e do seu desembargo, todos do seu Conselho, pera praticar e tomar assento e concórdia com nós, ou com nossos embaixadores e procuradores em nosso nome, sobre a diferença que antre nós e o dito sereníssimo rei de Portugal nosso irmão é, sobre o que a nós e a ele pertence...».

Felgueiras Gaio afirma, a respeito de Dom Rui de Sousa, que foi o maior homem do seu tempo: "...filho 2º de Martim Afonso de Sousa, 4º Snr. de Mortagoa; (...)progenitor dos Srs. de Beringel, e seu 1º Senhor por Doação del Rey D. Afonso V com toda a jurisdição e com todos os seus direitos, e rendas da dita Vila, e Padroado da Igreja, a qual Doação foi feita em 1477 e confirmada em 1487 por El Rey D. João II e por El Rey D. Manuel, foi Snr. de Sagres, e teve o Reguengo de Monte Mor o Novo, e o Castelo de Pinhel, que trocou com o Marichal D. Fernando Coutinho, foi Almotacé mor de El Rey D. João II e do Conselho dos referidos Reis que entre outras mercês lhe deram a prerogativa de usar de = Dom = e todos os seus descendentes. Foi o maior homem daqueles tempos e morreu de 75 anos em 1498. (...).

D. Rui de Sousa casou duas vezes, com numerosa geração de ambos os casamentos. A primeira vez com D. Isabel de Sequeira, dama da rainha D. Isabel de Aviz, filha de Fernão Anes de Cerqueira (amo da mesma Rainha) e de sua segunda mulher D. Branca Lopes de Sequeira, com descendência nos Sousa senhores de Sagres, Beringel e Nisa. A segunda com D. Branca de Vilhena, irmã do 1º Conde de Olivença, filhos de Martim Afonso de Melo, alcaide-mor de Olivença, e de sua mulher D. Margarida de Vilhena, com seguimento nos Sousa condes do Prado e marqueses das Minas.

O Convento dos Lóios, em Évora, foi fundado em 1485 para panteão de D. Rodrigo de Melo, guarda-mor do rei D. Afonso V, o Africano, 1.º Governador de Tanger e 1.º Conde de Olivença, em cuja igreja também jaz seu cunhado, D. Rui de Sousa, o célebre embaixador de D. João II junto dos Reis Católicos, para as capitulações do célebre Tratado de Tordesilhas, em 1494, além de chefe da expedição missionária ao Congo, em 1490”.

Como atrás dissémos, D. Rui de Sousa era neto paterno de Martim Afonso de Sousa, 2.º Senhor de Mortágua e de Aldonça Rodrigues de Sá, Abadessa de Rio Tinto a qual, como referimos, era meia-irmã de João Rodrigues de Sá, o das Galés. Ou seja o referido D. Rui de Sousa era bisneto de Rodrigo Anes de Sá o qual fora casado, nomeadamente, com Cecilia Colonna, pelo que o referido Rui era bisneto, por afinidade, da citada Cecilia. Terá sido por esta razão que D. Rui de Sousa terá sido escolhido pelo Rei de Portugal, D. João II, para esta missão? É muito provável que sim.

No site “engine.rodovid.org” refere-se que João Gonçalves Zarco terá nascido cerca de 1380 e que terá casado com uma Constança, em 1414. Assim sendo, esta teria nascido cerca de 1394, o que tornaria inviável que fosse filha de Rodrigo Anes de Sá, o qual terá nascido cerca de 1320, pelo que não seria provável que, já



com a provecta idade de 74 anos, tivesse uma filha e, muito menos, de Cecília Colonna que, como atrás referimos, deveria ter morrido cerca de 1360. Aquilo que nos parece lógico é que a citada Constança fosse filha de João Rodrigues de Sá, o das Galés, o qual tendo nascido cerca de 1359, poderia ter sido o pai dela, aos 35 anos de idade. Aliás, no referido site, vem indicado que a citada Constança se chamaria Constança Rodrigues Anes de Sá, o que confirmaria, pelo patronímico, que seria filha dum João Rodrigues de Sá. Acontece ainda que, no parágrafo 241 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), se indica que uma das filhas de João Gonçalves Zarco (e de Constança Rodrigues Anes de Sá), Brites Gonçalves da Câmara, terá sido casada com Diogo Cabral, o Velho, e terá tido um filho chamado João Rodrigues (Cabral)! Parece-nos uma boa prova de que a referida Brites procurou, com esse nome, homenagear o seu avô João Rodrigues de Sá, o das Galés. Dois outros filhos de João Gonçalves Zarco, Rui Gonçalves da Câmara e Garcia Rodrigues da Câmara, também tiveram filhos de nome João Rodrigues (da Câmara), o que mais confirma a nossa tese. Assim, os descendentes de João Gonçalves Zarco e de Constança Rodrigues Anes de Sá, tal como os signatários, serão membros da família Colonna.

Do anteriormente referido pudémos demonstrar que Constança de Sá, filha de Rodrigo Anes de Sá, não pode ter sido a mulher de João Gonçalves Zarco, mas sim tia da Constança Rodrigues Anes de Sá (filha de João Rodrigues de Sá, o das Galés) que casou com o citado navegador. A terceira mulher de Rodrigo Anes de Sá, Catarina Anes, terá sido a mãe das suas duas filhas (Aldonça e Constança), mas não a do seu filho Paio. A razão para esta última afirmação decorre do facto de, no parágrafo 322 de (Mello Vaz de Sampaio s.d., [7]), se dizer que João Rodrigues de Sá, o das Galés, teria herdado de seu pai o padroado de Silgueiros, que a este tinha vindo pela sua mulher Catarina Anes. Se esta fosse a mãe do Paio Rodrigues de Sá teria, obviamente, deixado esse padroado ao seu filho. Não o tendo feito, isso apenas se pode explicar pelo facto de não ser mãe do referido Paio. Assim, por morte da citada Catarina, foi o seu marido Rodrigo Anes de Sá quem herdou o referido padroado e o transmitiu ao seu filho primogénito João Rodrigues de Sá, o das Galés. Desse modo, Paio Rodrigues de Sá seria, certamente, filho de Berenguela Anes, a última mulher do referido Rodrigo. É impossível que o citado Paio pudesse ser filho de Cecília Colonna pois, se tal tivesse acontecido, ele teria aparecido no Mosteiro de Grijó na companhia das suas duas irmãs e do irmão João. Seguramente, por tudo o que foi explicitado, o referido Paio seria o filho mais novo de Rodrigo Anes de Sá.

Em (Sotto Mayor Pizarro s.d.: 276, [10]) refere-se, a nosso ver erradamente, que Mécia Pires, a primeira mulher de Rodrigo Anes de Sá, seria a mãe de João Rodrigues de Sá, o das Galés. Aliás há, nessa página desse referido livro, uma frase que nos parece importante e que confirma a nossa tese. Nela se diz que o suposto pai de Mécia Pires, Pedro Esteves de Avelar, em 1354 “nomeou seu herdeiro Rodrigo Anes de Sá, a quem deixou, entre outros bens, a quintã de Drizes”. Pergunta-se: porque razão nomeou como herdeiro o seu genro e não a sua filha?

Pensamos que a resposta só pode ser uma: a sua filha já teria morrido quando o citado Pedro fez o testamento. Portanto, em 1354 o citado Rodrigo já estava viúvo da sua primeira mulher, o que lhe permitiria vir a casar, cerca de 1358, com Cecília Colonna, como atrás presumimos.

No atrás citado livro (Sotto Mayor Pizarro s.d.: 151, [10]) diz-se que Berenguela Anes seria a mãe das duas filhas de Rodrigo Anes de Sá, o que não nos parece possível face ao que já atrás referimos. Nessa página diz-se, ainda, que a referida Berenguela terá morrido cerca de 1388.

É ainda curioso ver o que se diz em (Abranches de Soveral s.d., [11]), na biografia de Mécia Pires de Avelar, primeira mulher de Rodrigo Anes de Sá:

“Mécia Peres de Avelar, ca 1325 - ca 1354 & ca 1349, foi a 1ª mulher de Rodrigo Anes de Sá, cavaleiro, embaixador a Roma, senhor (20.4.1357) e alcaide-mor (23.5.1367) do castelo de Gaia. *Tinha comedoria em Grijó em 1365. D. Fernando I confirmou-lhe as rendas, direitos e castelo de Gaia e o escambo que fez com Beatriz Aires sobre a quintã de Sá.* Fernando Moreira de Sá Monteiro, especialista na linhagem dos Sá, atribuiu ao casamento com Mécia Peres o filho sucessor, João Rodrigues de Sá, camareiro-mor de D. João I (1386), e as filhas que seguem à 2ª (na verdade 3ª) mulher Beringeira Anes do Vale, não aceitando o casamento de Rodrigo Anes de Sá com Cecília Colonna. Mas não há razões para duvidar da tradição, inclusive com expressão heráldica, de que Rodrigo Anes de Sá casou com Cecília Colonna e esta foi mãe de João Rodrigues de Sá. Nem para colocar em causa o testemunho do poeta Sá de Miranda (1481-1558), homem sisudo e circunspecto, pouco dado a fantasias, que o afirmava e se dava com os primos Colonna, em Itália, em casa dos quais esteve e com quem se correspondeu. Tanto mais que na época em que viveu o poeta era facto assente na corte portuguesa de que João Rodrigues de Sá era filho de uma Colonna, como se verifica no testemunho do insuspeito e em geral certíssimo Livro de Linhagem do Século XVI, que sobre o assunto diz: «Rodrigue Annes de Saa filho de Joaõ Afonso de Saa foy casado com (espaço em branco) Colona, filha de (espaço em branco) Colona, fidalguo ytaliano, de quem veo Joaõ Rodriguez de Saa camareiro moor del rey Dom Joaõ da Boa Memorja e alcaide moor do Porto». Escrito na primeira metade de Quinhentos, este nobiliário de autor desconhecido, mas certamente um grande fidalgo da corte, reflecte fielmente a cultura genealógica da época, ao mais alto nível, até porque só trata das grandes famílias próximas do rei. As genealogias tardias acrescentaram depois várias informações sobre os nomes próprios da mulher e sogro de Rodrigo Anes de Sá, mas a divergência dessas informações acentua a sua falta de credibilidade. Algumas dizem-na filha de Giacomo Colonna e neta de Pietro Sciarretta Colonna, o que é um anacronismo. Pietro Sciarretta morreu em 1356 e foi senador de Roma a 2.6.1338, pelo que não terá nascido depois de 1300 (o que concorda com a cronologia do pai, senador em 1308). Cecília Colonna nasceu cerca de 1337, pelo que, quando muito, seria filha e não neta de Pietro. Seria, portanto, irmã do cardeal Agapito Colonna, que em 1371 teve a dignidade de bispo de Lisboa, tendo antes sido nuncio a Portugal e Castela. Contudo, Frey Jerónimo de Espanha



(século XVII) diz que Rodrigo Anes foi casado pelo bispo Agapito Colonna, tio da noiva, acrescentando que ela foi baptizada Maria Ana e aos 10 anos, no crisma, mudou o nome para Cecília, como sua avó. Mas não há nenhuma Cecília Colonna que pudesse ser sua avó, muito menos se fosse filha de Giacomo Colonna e, portanto, sobrinha de Agapito. O mais provável é que Cecília (nome em que a tradição mais converge, tenha ou não sido obtido no crisma) fosse filha de Giovanni Colonna, um filho natural de Giacomo Sciarra Colonna, portanto meio-irmão de Pietro Sciarretta Colonna. Este Giovanni Colonna foi cônego e depois abandonou a vida religiosa para casar em 1331 com Orsina Orsini, viúva de Pandolfo, conde dell' Anguillara. Tendo Cecília casado em 1354, como veremos, e nascido cerca de 1337, podia perfeitamente ser uma das filhas mais novas deste casamento. Agapito, nascido cerca de 1325, seria seu primo-direito mais velho e talvez pudesse então ser dito seu tio ou tomado como tal, uma vez que nessa época o tratamento de tio era muito abrangente. Por outro lado, sendo Cecília filha de um filho natural, que ainda por cima não teve nenhum cargo em Roma nem nenhum título de qualquer tipo, a sua alegada "importância" seria bem menor. E assim se compreende melhor que Rodrigo Anes pudesse ter voltado como embaixador a Roma em 1377. O fracasso do seu casamento com Cecília, não sendo ela irmã de Agapito e de Stefano, não teria prejudicado as suas relações com eles, que certamente a terão culpado a ela do incumprimento dos votos matrimoniais. De resto, esse Giovanni, filho natural, ex-cônego, sem cargos, relativamente pobre, cabe melhor na simples designação de Colona, fidalgo italiano, como diz o LLXVI, cujo autor porventura saberia o nome de Pietro Sciarretta Colonna e que ele era senador. E a dita Cecília Colona sua alegada avó, de que fala Frey Jerónimo, neste caso poderia ser a desconhecida mulher de Francesco Orsini, pai da dita Orsina, portanto avô materno de Cecília. O certo é que Rodrigo Anes de Sá se documenta casado com Mécia Pires de Avellar até finais de 1353. Provavelmente já antes conhecera Cecília Colonna em Avinhão, onde se aceita que tenha sido enviado em 1348 e onde então estava o cardeal Giovanni Colonna, ou em Roma, onde também se aceita que tenha sido enviado e onde parece que voltou em 1377. É assim plausível que, viúvo, tenha tratado logo com os Colonna, provavelmente com o bispo Agapito, o seu casamento com Cecília. Este casamento poderia ter-se consumado no início de 1354, tendo o filho João Rodrigues de Sá nascido nos finais deste ano, o que concorda com o facto de ainda ser escudeiro em 1376 e de só ter falecido em 1425, teria então 70 anos de idade. João Rodrigues seria assim menor de idade quando aparece com seu pai na lista de Grijó de 1365, como parece evidente pela forma como vem referido: «Item Rodrigue Annes de Saa cavalleiro e sua mulher. Item duas suas filhas. Item Joham Rodriguez seu filho doutra molher». Este texto, de resto, é fundamental, pois só pode ser entendido se Rodrigo Anes tivesse casado três vezes, a última das quais com a que era sua mulher nesse momento (1365), de que não teve filhos. De outra teve as duas filhas, e de outra teve o filho. Se as filhas e o filho fossem da mesma mulher, a redacção nunca seria como está. Bem como, se o filho fosse da 1ª mulher e as ir-



mãs da segunda, nunca ele viria referido depois delas. Portanto, as filhas foram da 1ª mulher, Mécia Peres de Avelar. Logo, João Rodrigues só podia ser filho da mulher do meio, justamente Cecília. E Rodrigo Anes estava então (1365) casado com a 3ª mulher, Berengueira Anes do Vale, de quem não tinha filhos. É também verosímil a informação de que Cecília, pouco depois de ter tido o filho no Porto, foi a Itália e não voltou. Rodrigo Anes teria assim conseguido o divórcio (ou mesmo anulação do casamento), tendo casado pela 3ª vez em 1364 ou 5, ainda com Cecília viva, pois Beringela Anes do Vale, a 3ª mulher, documenta-se quer como sua mulher quer como sua viúva. Mas o filho de Cecília não terá aceitado como válido o 3º casamento do pai, e só assim se justifica que, após a morte dele, João Rodrigues se refira à madrasta Beringela Anes do Vale como a «mulher que se diz que foy do dito Rodrigueannes meu Padre». Não há outra justificação para João Rodrigues tratar a madrasta nestes termos, tanto mais que ela se documenta de facto como mulher de seu pai. Acresce que esta Berengueira Anes do Vale só casou depois de 1363, ou neste ano, pois na lista de Pedroso (1363) ainda aparece solteira («Item Gonçalo Anes do Vale, filho de Joham Affonso do Valle; item Berengueira Anes do Vale suua irmãa»). Sendo que nesta mesma lista também aparece Rodrigo Anes de Sá com seu filho João Rodrigues e uma filha, claramente viúvo («Item Rodrigo Anes de Saa; item Joham Rodriguez seu filho; item outra ssua filha a q. não sabyamos o nome»). Salvo erro de transcrição, não era só o nome da filha que não sabiam em Pedroso, mas também que eram duas e não uma, como se vê em Grijó e se sabe. Sendo que a falta de conhecimento em Pedroso se estende também ao facto de não saberem (ou não se darem ao trabalho de destringer) que as filhas eram de outro casamento, como se vê em Grijó. De qualquer forma, fica claro que as filhas não podiam ser de Berengueira Anes do Vale, que não teve geração. Logo, até pela cronologia, só podiam ser filhas de Mécia Peres. Enfim, se é certo que as genealogias italianas não dão conta do casamento de uma Colonna com Rodrigo Anes de Sá, também é verdade que essas mesmas genealogias não enumeram os filhos do referido Giovanni Colonna. Nem, de resto, dão conta do casamento de outras italianas nobres da mesma época com nobres peninsulares, como é o caso de Grandiana Visconti, filha dos senhores de Milão, com o catalão Ramón de Vilaragut, cerca de 1333, bem documentado nas fontes aragonesas e desconhecido na genealogia italiana. O importante é que este casamento é possível e não há portanto razões sérias para duvidar das informações quinhentistas que o garantem. As circunstâncias em que decorreu esse matrimónio são de molde a criar alguma névoa sobre os pormenores, e o pouco tempo que Cecília terá estado no Porto justifica perfeitamente que não tenha deixado rasto documental. Mas o facto essencial (de que a mãe de João Rodrigues era Colonna) não é seriamente negável. Pelo contrário, uma análise inteligente da documentação existente aponta inegavelmente nesse sentido. E estou em crer que uma competente investigação em Roma certamente o comprovará. Portanto, não digo que este casamento com a Colonna esteja provado ou documentado. Digo, sim, que não há razão séria para negar informações



genealógicas que datam pelo menos do séc. XVI e outras informações diversas, igualmente antigas, que apontam para que a mãe de João Rodrigues era Colonna. Por outro lado, como vimos, o texto de Grijó só pode ser entendido se Rodrigo Anes tivesse casado três vezes. Finalmente, alguém é capaz de explicar cabalmente, de outra forma, a razão porque João Rodrigues de Sá chama à madrasta, que sabemos legalmente casada com seu pai, a «mulher que se diz que foy do dito Rodrigueannes meu Padre»? Não prova isto, ainda que indirectamente, a lenda da fuga da mãe Colonna para Itália, e consequente anulação do casamento, com a óbvia consequência de o pai poder casar outra vez e o filho nunca aceitar esse facto?”

Neste texto há aspectos com que não concordamos:

- pensamos que a filiação que atrás indicámos, de Cecília Colonna, é que estará correcta;

- só se consideram três casamentos de Rodrigo Anes de Sá, quando entendemos que casou quatro vezes, faltando neste texto a referencia a Catarina Anes que, em nosso entender, é a mãe das duas filhas de Rodrigo de Anes de Sá.

O facto de, neste texto, se dizer que, teria nascido cerca de 1354 e não cerca de 1359 (como nós propuzémos), é uma pequena diferença, perfeitamente admissível, pelo que, qualquer das datas é possível de ser a correcta. O mesmo sucede com a suposta data de nascimento de Cecília Colonna, que neste texto se indica como sendo cerca de 1337 e nós, anteriormente, sugerimos que fosse cerca de 1330.

Em relação às filhas de Rodrigo Anes de Sá, diz-se em (Abranches de Soveral s.d., [11]), o seguinte:

“*Constança Rodrigues de Sá*, 1350, referida (mas não nomeada) na lista de Pedroso de 1363 e de Grijó de 1365.

Aldonça Rodrigues de Sá, 1353-1422, já era abadessa do mosteiro de Rio Tinto em 1384. Relacionada com Martim Afonso de Souza, «o da Batalha Real», 2º senhor de Mortágua, 5º senhor da Torre de Stº Estêvão, etc. Terá sido este o 1º a ordenar o escudo de armas dos Souza ditos do Prado, um esquartelado das armas reais de Portugal e de Leão/Castela (por via dos Manoel). As mais antigas pedras de armas com esta composição parecem ser as de seus netos Luiz Álvares de Souza, 3º senhor de Baião, no seu túmulo na igreja de S. Francisco, no Porto, e D. Frei Gonçalo de Souza, em Dornes e no seu túmulo, hoje no Museu Arqueológico do Carmo, e na igreja de Dornes”.

Temos alguma dúvida de que as datas de nascimento das duas filhas sejam as indicadas no texto citado, pois pensamos que as duas filhas de Rodrigo Anes de Sá seriam mais novas do que o seu meio-irmão João Rodrigues de Sá, o das Galés.

Em resumo pensamos que:

- A primeira mulher de Rodrigo Anes de Sá foi Mécia Pires, da qual enviuvou e não terá tido filhos;

- A segunda mulher de Rodrigo Anes de Sá terá sido Cecília Colonna, tendo

nascido, desse casamento, João Rodrigues de Sá, o das Galés, que seria o filho primogénito do referido Rodrigo;

- Aldonça Rodrigues de Sá e Constança de Sá seriam filhas de Catarina Anes (terceira mulher do citado Rodrigo);

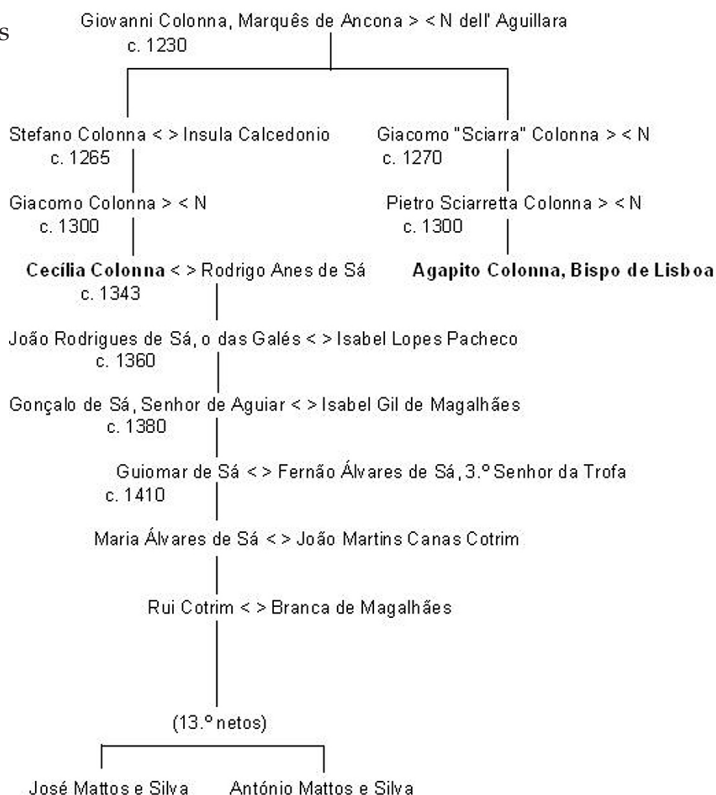
- Paio Rodrigues de Sá era o mais novo dos quatro irmãos e seria filho de Berenguela Anes. Esta teria sido a quarta e última mulher do referido Rodrigo, e que lhe sobreviveu.

Concluindo:

- tudo levar a crer que, efectivamente, Rodrigo Anes de Sá terá casado com Cecília Colonna;

- uma das provas a favor desta tese decorre do facto de alguns reis, como é o caso de D. Pedro I, o seu filho bastardo D. João I e o bisneto deste, D. João II, terem encarregue pessoas da família Sá para missões junto de alguns Papas as quais, se não fossem as ligações familiares entre os Sás e os Colonna (dada a proximidade desta família italiana ao Vaticano), dificilmente teriam tido êxito.

A Árvore Genealógica seguinte apresenta os principais elementos das famílias Colonna e "Sá", referidos.



Bibliografia

- Por Ordem Alfabética do Apelido dos Autores

- Abranches de Soveral, Manuel. s.d. *Origem dos Avelar e dos Soveral*. [11]
- Felgueiras Gayo, Manuel José da Costa. 1989. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Braga. [4]
- Gomes Martins, Miguel. s.d. *A Vitória do Quarto Cavaleiro – O Cerco de Lisboa de 1384*. [2]
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. [9]
- *Indice delle Famigli Nobili del Mediterraneo*. [5]
- Mattos e Silva, José e António. 2010. *Casos da História*, Volume I. [1]
- Mattos e Silva, José e António. 2011. *Cristóvão Colon: Descoberta a sua Identidade?*, in “Casos da História”, Volume II. Lisboa: Edição dos Autores. [6]
- Mello Vaz de Sampaio, Luiz de. s.d. *Subsídios para uma Biografia de Pedro Álvares Cabral*. [7]
- Site da Internet *D. Fernando I - PRAIA DA CLARIDADE*. [8]
- Sotto Mayor Pizarro, José Augusto P. de. s.d. *Os Patronos do Mosteiro de Grijó*. [10]
- Távora, Luiz Gonzaga de Lancastre e (Marquês de Abrantes e Fontes). s.d. *Heráldica da Casa de Abrantes*. [3]

- Por Ordem Numérica

- [1] - Mattos e Silva, José e António. 2010. *Casos da História*, Volume I.
- [2] - Gomes Martins, Miguel. s.d. *A Vitória do Quarto Cavaleiro – O Cerco de Lisboa de 1384*.
- [3] - Távora, Luiz Gonzaga de Lancastre e (Marquês de Abrantes e Fontes). s.d. *Heráldica da Casa de Abrantes*.
- [4] - Felgueiras Gayo, Manuel José da Costa. 1989. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Braga.
- [5] - *Indice delle Famigli Nobili del Mediterraneo*.
- [6] - Mattos e Silva, José e António. 2011. *Cristóvão Colon: Descoberta a sua Identidade?*, in “Casos da História”, Volume II. Lisboa: Edição dos Autores.
- [7] - Mello Vaz de Sampaio, Luiz de. s.d. *Subsídios para uma Biografia de Pedro Álvares Cabral*.
- [8] - Site da Internet *D. Fernando I - PRAIA DA CLARIDADE*.
- [9] - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.
- [10] - Sotto Mayor Pizarro, José Augusto P. de. s.d. *Os Patronos do Mosteiro*



de Grijó.

[11] - Abranches de Soveral, Manuel. s.d. *Origem dos Avelar e dos Soveral.*